



JORNAL ARRIBA LXS QUE LUCHAN!

CURSINHO LIVRE DA SUL – ARRIBA LXS QUE LUCHAN, 11 DE MARÇO DE 2017. ZONA SUL, SÃO PAULO. PRIMEIRA EDIÇÃO.

Princípios

Nossos Princípios (elementos que norteiam as ações do Cursinho Livre da Sul – Arriba lxs que luchan! Nosso norte é A SUL):

Autonomia (política, financeira e crítica): A ideia do cursinho é ir levantando as bases da nossa autonomia, por isso não estamos esperando que alguém faça por nós. A partir do nosso material construiremos um processo em que axs estudantes e educadores possam pensar por elas mesmas e com isso aumentar nosso poder e capacidade de tomar as decisões. O cursinho é autônomo e não acredita que as coisas se resolverão através do voto ou da representatividade. Nossa autonomia política depende da nossa autonomia financeira. Financiaremos nós a nós mesmos através das atividades e esforço coletivo dxs que participam, não aceitamos verba do estado nem de qualquer iniciativa privada pois, como diz o ditado, “quem paga escolhe a música”, portanto não queremos esse tipo de relação onde “outros” podem escolher ou ditar nossas ações.

Autodisciplina (Aprender a aprender): A autodisciplina envolve comprometimento, vontade, tesão pela construção do conhecimento coletivo. A escola normal produz em nós corpos disciplinados para a obediência



cega e a sujeição. Uma ESCOLA DE LUTA deve produzir um outro tipo de sujeito que tenha outros valores como a construção coletiva, solidariedade, disposição de luta e autodisciplina, já que no cursinho não vigora relações de mando e obediência. Por isso precisamos de autodisciplina e humildade para aprender a aprender. Aprender a estudar, porque a escola normal apenas ensina a reconhecer uma ordem, aprender a autodis-

ciplina necessária para a construção coletiva. Aprender que há inúmeras formas de fazer e de aprender.

Horizontalidade: No Cursinho Livre da Sul – Arriba lxs que luchan somos todxs iguais. Apesar de haver educadorxs e educandxs, incentivaremos que xs alunxs possam dar aulas juntos com os professores, diminuindo assim a fronteira que separa xs professores dos alunos.

A horizontalidade também diz respeito ao fato de que todxs devem participar igualmente na construção do cursinho e nas tomadas de decisão. A nossa instância de decisão e discussão será as reuniões de planejamento coletivo que fará parte do horário de aula. Cada um precisa construir as decisões que está envolvido, assim decidimos sobre aquilo que construímos.

Ação direta e Autogestão: Fazemos nós por nossas mãos. Não acreditamos nas instituições, por isso o cursinho não responde por nenhum órgão do Estado. Nossas ações serão planejadas e organizadas por nós mesmos, sem pedir licença ou aval para o Estado e seus funcionários de plantão. A ação direta e combatividade fazem parte da construção da nossa ESCOLA DE LUTA e da base da construção da nossa autonomia.

Anticapitalismo: O anticapitalismo se expressa na convicção de que educação não é mercadoria e é justamente por não pautar nossas ações em relações monetárias que rejeitamos o capitalismo, sistema esse que tende a tornar tudo comerciável. Também entendemos o capitalismo como sistema político e econômico que busca explorar e dominar as classes subalternas, daí que somos contrários a esse sistema que desumaniza a todxs principalmente xs de baixo.

Estratégia Política e Pedagógica

O Cursinho livre da SUL – Arriba lxs que luchan está caminhando para sua segunda turma, e pro seu primeiro ano de existência. Esse material está sendo elaborado para que possamos ir registrando e formalizando nossa história, nossas formas de trabalho, nossas instâncias de decisão política (lugar em que decidimos juntos os rumos do cursinho) e nossa pedagogia. Apesar de apenas ter concluído nossa primeira turma, já temos um rico material para ser trabalhado, aprimorado e modificado. [O rascunho da] Estratégia Política e Pedagógica terá três eixos: 1) Nossa história; 2) Instâncias de deliberação e decisão; 3) Nossa pedagogia.

1) Nossa história: O cursinho foi fruto da luta secundarista de 2015, quando @s secundaristas de todo estado de São Paulo ocuparam suas escolas como forma de pressionar o governo estadual para impedir a reorganização do ensino público no estado. Naquele momento, formamos um coletivo de professores e estudantes que se organizaram para lutar contra a reforma, iniciamos com a articulação das escolas da zona sul por meio do Bloco de Lutas contra a reorganização escolar, e, ao colocar as escolas em contato, fomos construindo as panfletagens, os atos de rua, as assembleias, e, finalmente, a primeira ocupação da zona sul, a Escola Estadual Antônio Manuel Alves de Lima. A partir daí, o movimento ganhou força e qualidade, as ocupações sem multiplicam e @s secundas pela primeira vez na história passaram a organizar as escolas sem diretores, pedagogos ou policiais de plantão. Pela primeira vez as escolas são tomadas pelo povo e organizada de acordo com nossos valores mesmo que por pouco tempo. Com o fim da luta, apesar de ter feito o Governador “suspender” a reforma, sabíamos que ele não iria cumprir com a palavra, pois os políticos sempre mentem (é da profissão). Por isso, iniciamos uma avaliação para identificar nossas falhas, pois não conseguimos manter a luta depois da grande promessa (que todos sabiam que era mentira) do governador. Desse grupo que se formou, começamos a entender que só a luta, o conflito, o embate político não bastava, era preciso ir além e começar a construir as bases da nossa autonomia, era preciso começar a construir as bases de uma outra educação que não fosse pautada pela relação de mando e obediência (autoridade e sujeição), que tivesse outros valores como a solidariedade no lugar da competição, a autodisciplina, a autonomia e o principal: entendemos que precisamos APRENDER A APRENDER, pois as escolas normais só nos ensinam a obedecer uma ordem.



Assim sendo, uma escola de luta deve produzir em nós valores que nos ajudem a resolver os nossos problemas através do nosso suor, do nossos braços, da nossa forma. Além disso, o vestibular é onde ocorre a primeira separação entre pobres e ricos na universidade, no entanto, antes mesmo do vestibular, temos outras provas que precisamos superar: uma, é estar vivo e forte para não sucumbir nos muitos caminhos sem volta que tem na quebrada; outra, é acreditar em si mesmo, acreditar que mesmo tendo todas as adversidades e problemas do mundo, sim podemos conseguir realizar nossos sonhos, mas, para isso, precisamos passar por outra prova, a baixa estima e o sentimento de incapacidade. Em fevereiro de 2016, nós passamos para a segunda etapa: depois das discussões e avaliações decidimos construir um cursinho pré-vestibular que permitisse suprir a demanda que temos na quebrada em passar no vestibular, melhorar nosso rendimento da escola, ou voltar a estudar. Após esta decisão, buscamos os meios de por em prática: convidamos o Cursinho Popular Flor de Maio, de Hortolândia, para fazer uma formação conosco e nos ajudar a arrancar esta ideia do papel. Avaliamos se teríamos perna para fazer o cursinho ainda neste ano ou se faríamos para o próximo, mas @s estudantes que lá estavam foram fundamentais para que nossa decisão de fazer ainda no primeiro semestre de 2016. A partir disso, começamos a construir reuniões abertas para que estudantes e educadores pudessem decidir juntos quando iríamos começar, onde o cursinho iria acontecer, qual seria o tamanho da turma, o nome do cursinho, o período de inscrição, como seria feita a inscrição, qual seria o critério de seleção, os princípios do cursinho, sua forma de organização. Estas reuniões começaram após o carnaval e foram até abril. Depois de todo os debates, avaliações e decisões, as aulas ti-

veram início no dia 14 de maio de 2016. Convidamos para a nossa aula inaugural o professor Tonhão, um militante histórico da educação que foi e ainda é uma referência para muitos, uma referência de vida e de luta.

2) Instâncias de deliberação e decisão: As nossas instâncias de deliberação dos rumos do cursinho são espaços (ou estruturas) organizados de acordo com nossos princípios: Autonomia política, financeira e crítica; autodisciplina (aprender a aprender); horizontalidade; ação direta e autogestão e anticapitalismo. Para que os princípios não sejam apenas letras no papel, precisamos ter estruturas que nos permitam colocá-los em prática, isto é, em funcionamento no nosso dia a dia. Por isso, criamos duas instâncias de decisão no cursinho, em que todos participam de maneira igual. Não há cargos de direção no cursinho, a coordenação do cursinho é feita por todos, e a forma que temos de decisão fica a cargo de duas instâncias: as reuniões de planejamento que são semanais, e estão dentro da grade horária do cursinho; e as assembleias que são mensais, normalmente acontecia no último sábado do mês. Reuniões de planejamento: Na luta das escolas em 2015, @s secundas organizaram as escolas ocupadas através de diversas comissões responsáveis por dividir as tarefas de organização e gestão do espaço. Naquele momento, eles criaram comissões de limpeza, segurança, comunicação, organização e financeira. As comissões foram importantes pois ajudam a dividir a tarefa e a descentralizar as decisões que precisam ser tomadas rápidas e que não atinge o todo, a escola ocupada. Trazemos essa experiência para a gestão do cursinho. Formamos três comissões para dar conta das tarefas cotidianas do cursinho: organização, comunicação e financeira.

Comissão de Organização: A comissão de organização é responsável por tudo que diz respeito a organização estrutural do cursinho, sendo assim fica a cargo dos comissionad@s elaborar a sugestão de horário mensal de acordo com as necessidades dos estudantes e educadores, organiza a escala mensal de educandos e educadores para fazer o almoço e cuidar dos registros, documentos e atas de reuniões do cursinho e planeja atividades políticas/educacionais.

Comissão Financeira: A comissão financeira fica responsável por administrar a verba do cursinho, arrecadada em eventos promovidos pelo coletivo ou em outros eventos que formos convidados a participar, também é de responsabilidade do financeiro pensar ações para levantar dinheiro para nossos materiais, para condução destinada a estudantes e educadores em casos excepcionais e elaboração do almoço.

Comissão de Comunicação: A comissão de comunicação faz a ponte entre todas as comissões e deixa tod@s informados de tudo que está acontecendo no cursinho, ela administra a lista de e-mail, o blog e a página do face book, faz as publicações nos canais de comunicação externo e divulga nossas ações, também faz o registro das atividades realizadas pelo cursinho, seja um sarau ou aula inaugural/publica.

As reuniões de planejamento ocorrem toda semana e são fundamentais para resolver muitas pendências que se apresentam ao longo da semana, da mesma forma que ajuda a construir as posições coletivas que serão discutidas e deliberadas na assembleia geral. A ideia é que nas reuniões de planejamento as comissões se dividam e possam discutir e deliberar sobre as tarefas a cargo, ou então discutir pontos importantes que deverão ser decidido pelo coletivo na assembleia.

Assembleia geral: As assembleias ocorrem uma vez por mês e tem o objetivo de construir uma posição política coletiva, discutindo as pautas trazidas pelas comissões ao longo no mês, para que possamos construir uma posição comum. As assembleias é a nossa maior instância de deliberação. As discussões sensíveis e que tocam a tod@s do cursinho são realizadas neste espaço. Mas para que a assembleia funcione bem, é preciso que as reuniões de planejamento também funcione, para que as discussões avancem e amadureçam para que possamos decidir. Todos que participam das reuniões de planejamento podem e devem participar da assembleia geral.

3) Nossa pedagogia: Nossa história e nossa organização dizem muito sobre nossa pedagogia, pois são nossas práticas que formam nossos valores e nossas condutas. Na verdade, o cursinho tem se estruturado de acordo com algumas “ideias” de como seria uma outra educação, uma escola de luta. Desde o começo tivemos muito claro que as escolas normais nos educam com base na relação de mando e obediência, não aprendemos a estudar, nós aprendemos a reconhecer quem manda (quem é a autoridade) e quem obedece. Nós devemos obedecer a ordem vinda de cima, devemos esperar por um comando para fazer qualquer coisa. Se a pedagogia das escolas normais tem como base estas relações, então a pedagogia de uma escola de luta deve ter como base outra relação, por isso a importância da horizontalidade (igualdade entre tod@s que participam do cursinho, ausência de cargos de direção) e a autodisciplina, pois está aqui a chave para o nosso aprendizado: temos que aprender a aprender, e não

aprender a obedecer! Mas como podemos colocar em prática a autodisciplina? Não há nenhum meio “teórico” para isso. A única forma é através da prática da autodisciplina, para isso precisamos construir alguns meios para que possamos conseguir os fins (objetivos) que queremos ou almejamos.

Poderíamos nos perguntar o que a autodisciplina tem a ver com um cursinho pré-vestibular? No nosso caso, ela é fundamental, pois o cursinho apenas funciona aos fins de semana, caso os educadores não passem exercícios para @s estudantes resolverem ao longo da semana, caso @s estudantes não tirem 10, 15, 20 minutos diários para resolver esses pequenos exercícios, não con-

seguiremos atingir nossos objetivos. Pois o vestibular é um treinamento, exige da gente um certo condicionamento, exige que se responda as perguntas de um jeito específico em tantas horas. Precisamos nos acostumar a realizar essa atividade, precisamos ir criando uma autodisciplina de estudo que nos ajude a fazer mesmo que ninguém nos mande fazer algo.

Como toda pedagogia envolve um certo condicionamento, um treinamento do corpo, precisamos aprender a aprender, isto é, ir construindo um ritmo de estudo que possa ir aumentando ao longo do tempo. Mas com isso não estamos querendo que ninguém comece a estudar 2 horas diária. Mas se a gente conseguir tirar 10 minutos diários, e aos poucos, ir aumentando, nosso corpo vai se acostumando e as tarefas vão ficando cada

vez mais fácil de serem realizadas.

(Em elaboração): No final do ano passado, começamos a discutir uma forma de fazer a transição da escola normal para nossa escola de luta, isto é, precisamos criar alguns meios (pontes) para que @s estudantes que estão acostumados a educação normal possam ir se adaptando a este novo espaço. Há algumas propostas para isso, tentarei colocar as duas principais: a primeira é construir essa passagem através da resolução dos exercícios no fim das aulas de cada professor, e o professor propõe a resolução de um ou dois exercícios para serem feitos em casa, depois de dois meses, a ideia é começar a fazer um simulado com os exercícios pedidos em sala de aula, mas com poucas questões, para que @ estudante não se desestime caso não

consiga realizar. A ideia é ir construindo um conhecimento acumulativo que possa ir crescendo ao longo do tempo, levando em conta cada um, com seus diferentes ritmos e formas de lidar com o aprendizado. A outra proposta me pareceu apenas divergente na realização do simulado em maio: a ideia é fazer o simulado de maneira coletiva, para que @s estudantes possam ir se ajudando na resolução dos exercícios.

Também temos como proposta para ser elaborada, a criação de planos de trabalho dos professores para o semestre, para que possamos articular melhor o conteúdo das matérias trabalhadas em sala de aula. Também pensamos em trabalhar algumas disciplinas a partir da forma de projetos.

Por que Zumbi dos Palmares é símbolo nacional?



É mais fácil criar um mito, um herói, um mártir, do que explicar ao povo taxado de ignorante o que realmente aconteceu.

Essa é a história de Zumbi dos Palmares. O Quilombo dos Palmares foi um dos maiores e mais duradouros refúgios de negros que sofriam nas mãos de escravocratas; durou mais de 100 anos, chegando a ter cerca de 20 mil habitantes, subdivididos em diversas repúblicas e aproveitando-se das confusões causadas pela invasão holandesa para se mobilizar. Com uma organização dessa magnitude é até absurdo imaginar que só houvesse apenas uma pessoa tomando a frente de tudo.

É aí que o homem branco entra. Eles precisavam acabar com isso; precisavam matar de qualquer maneira qualquer um que fosse simplesmente para mostrar que estavam acima de tudo e todos e que conseguiam conter os rebeldes. Em um belo dia de 1695, mais especificamente no 20 de novembro, o digníssimo bandeirante Domingos Jorge Velho, após inúmeras tentativas de acabar com o quilombo, organizou uma matança e conseguiu levar a cabeça de Zumbi para o governador. Mal sabiam eles que não havia só um Zumbi, essa denominação era dada aos respectivos guerreiros de cada grupo, uma alta patente por assim dizer. Ou seja: deu-se uma cara para um desses tantos Zumbis e, a partir dos anos 50, iniciou-se a criação da lenda.

O homem branco precisava dizer que matou a raiz do problema; precisava fazer com que todos acreditassem que só existiu um líder e que esse morreu nas mãos do seu inimigo, lutando. NÃO! Não existem heróis. Heroica é a luta, o movimento, a AUDÁCIA de sair do caminho que te foi imposto, assim como fizeram tantos outros quilombos nesse Brasilão (vide Quilombo do Rio das Mortes, 3.900 orelhas cortadas).

Podem até existir grandes protagonistas, mas no dia 20 de novembro o que deve ser lembrado não é a face de UM homem, e sim a afronta que foi bagunçar o sistema. Nada mudou. apenas os jeitos de fazê-lo. A Casa Grande tá aí louca pra mandar buscar Zumbi.

Por Melinka Luana, aprendiz do cursinho



Contato: lutasul@inventati.org,
arribalxsqueluchan.noblogs.org,
[facebook/cursinholivredasul](https://www.facebook.com/cursinholivredasul)

Nosso norte é A SUL!
VENCEREMOS!!!

Companheiro Pocho, PRESENTE!



Carta em homenagem ao companheiro Pocho, militante anarquista e expropriador, lutou contra a ditadura uruguaia. Pocho nasceu em 1 de novembro de 1936, no distrito de Trinidad, Uruguai.

Se não fosse os porcos da OPERAÇÃO CONDOR (organização terrorista internacional que articulava as ditaduras do cone sul na décadas de 1970 e 1980), Pocho faria hoje 80 anos.

Há alguns anos, seu corpo foi encontrado num taque de cimento no fundo do mar na Argentina.

O Cursinho Livre da SUL - Arriba lxs que luchan fez uma carta em homenagem ao nascimento deste valioso lutador, que foi lida no I Sarau dos cursinhos populares:

“Companheiro Pocho, Nós, lutadores e lutadoras das quebradas de São Paulo (Zona Sul), que impulsionamos as ocupações das escolas em 2015 e criamos o Cursinho Livre da SUL – Arriba lxs que luchan, gostaríamos de fazer uma

single homenagem nesta data tão especial, seu nascimento. Seu aniversário deve ser comemorado, pois marca no tempo uma referência que vive em cada luta, em cada ação direta, em cada ato de sabotagem, em cada sindicato combativo, em cada povo organizado, em cada resistência. Você e todos e todas companheiros(as) da fAu são exemplos de que é possível construir uma organização dos pobres, oprimidos e explorados, sem relações de mando e obediência, vaidade ou sectarismo.

Compa, fizemos carta para te contar como foi a luta de ocupação das escolas e como acabamos nos identificando muito com o grito “Arriba lxs que luchan”. Desde 2013, o Brasil foi incendiado pela chama da revolta contra a classe política e dominante. O projeto de conciliação de classes do Partido dos Trabalhadores (PT) chegou em seu limite e através da ação direta e da combatividade, o povo conseguiu congelar as tarifas de ônibus em centenas de cidade. Não paramos aí! Em 2015 a juventude se revoltou novamente com as reformas educacionais que fechariam salas e escolas para entregá-las às empresas, e iniciou um movimento que aprofundou os métodos de luta utilizados em 2013: ocupação de escolas, atos de rua e trancamentos de avenidas. Até o ponto em que ficou insustentável para o governador manter a reforma e então foi “suspendida”. Sabemos que poderíamos ter ido além, mas não conseguimos. Como você mesmo disse, “vamos devagar porque temos pressa”. Você poderá ver agora um pouco de como foi a luta no ano passado através de alguns relatos. Principalmente a nossa história do muro da escola e da identificação das lutadoras e lutadores com a história do grito “arriba lxs que luchan”!

Companheiro Pocho. Do conflito, das lutas, das ocupações,

nasceu o nosso Cursinho. Um espaço de educação popular para ajudar a juventude da quebrada conseguir vencer a primeira barreira que separa os pobres dos ricos na Universidade, o vestibular. Da política do conflito buscamos construir as bases da nossa autonomia. Uma educação popular que ensine valores como solidariedade, companheirismo e auto disciplina. Se o Estado constrói escolas normais, nós construímos ESCOLAS DE LUTA. Você e @S compas da fAu são uma referência para nós, pois, como vocês dizem, “nosso projeto de intenção revolucionária” consiste na “escolha coerentes de caminhos para percorrer”. Por isso, mais uma vez afirmamos: Pocho VIVE! E viverá para sempre, até nossa vitória! Onde houver prisões, onde houver injustiça, onde houver exploração vai haver luta, resistência e solidariedade.

Pocho, nossa maior homenagem será através das ações. Nossa luta e resistência levará as marcas de nossa história! Você e outros companheiros e companheiras viverão enquanto houver combate e resistência. Pocho, a forma de fazer esta carta(video) chegar até você foi enviá-la aos seus familiares e companheiros e companheiras de organização. Saibam que Pocho não morreu, Pocho VIVE! É e sempre será uma referência de luta, principalmente nos becos e vielas, nas quebradas, nas vilas e favelas.

VIVA POCHO! VIVA GERARDO GATTI!
VIVA MARIGHELA! VIVA ZUMBI! VIVA DANDARA!
VIVA O POVO FORTE E ORGANIZADO!
“SE ESCUCHA, SE ESCUCHA,
ARRIBA LXS QUE LUCHA!”

À respeito das vozes sucumbidas

Poesia de Gabrielle Pedrini, estudante do Cursinho livre da SUL

Era uma vez...
Não. Não era uma vez.
Foram várias vezes.
O que relatamos não é história encantada.
É história ignorada.
Não sai nos noticiários.
Mídia passa informação distorcida, dissimulada, torna nossa gente alienada.
Tanto falam em voz para o povo, e se torna uma ideia contestada:
Pra que voz, se ela será censurada?
Mais do que nos dar voz, é necessário que os dêem ouvidos.
De que adianta a voz exaltada, se ela será escutada?
Assim como nossas histórias engavetadas, cujo título da pasta por opressores nomeada: vitimismo e drama!
Nos questionamos em que prateleiras foram parar as histórias que os livros não contam.
E à cada página arrancada, outra escrevemos com o intuito de proliferar consciência e esperança.
Pelo povo que sofre, que luta pra ter progresso, alcançam o regresso baseado em ordens fráguas e corruptas.
Pela justiça, que por um véu de ignorâncias é regida, que tarda e chega injusta.
Pela empatia e coerência que lhes faltou, quando a mão que engatilhou foi a mesma que um dia rezou e orou.
Pelo amor, tantas vezes dito da boca pra fora, sem ser sentido da boca pra dentro.
Pela paz, bombardeada quando bandeira branca levantava.
Pelos corpos atingidos por bomba efeito moral... olhos embaçados, cegados. Mentas e corpos sedados por uma política efeito imoral.
Moralizamos a construção da desconstrução, do já construído pelos antepassados.
E em pura incoerência, temos cada vez mais em nós mesmos nos enrolado.
Fazem nossas cabeças em poucas horas.
E com o passar do tempo se repete a história.
Compramos ideologias hipócritas, e se torna uma questão de lógica, e revolta, saber que todos nascemos originais, mas não passaremos de meras cópias! Então saudemos a hipocrisia nossa a cada dia semea-

da, tentando andar reto em linhas quebradas. Saudemos vossa “pátria madrastra”. Carregamos a verdade em teu seio, e sabemos que de mãe e gentil não há nada!
E a pergunta que não cala: alguma vez os filhos teus que não fugiram à luta, foram louvados na vala?
Hoje percebo que onde nossa luta se faz ausente, tua hipocrisia faz morada.
E indigna saber que quem existe pra supostamente nos proteger, nos desce porrada.
Mas sabemos quem faz o inferno, e que o diabo veste farda!
Sei muito bem, onde e como se passa a farsa.
E não é uma ideia falsificada. Pelo contrário, é real e generalizada.
Indigna a ação de pregarem ideologias de digna nação.
Eles não tem se quer digna noção, do caos que se emerge, dos milagres que pedem.
Indigna fumar na favela e ser revistado, mas senta na calçada do Jardins, viatura passa e cigarro é ignorado.
É uma questão de lógica a verdade sucumbida. Não aquela estampada em capas de revistas.
E revistam bolso, o corpo, a mente.
Mal sabem eles, o quanto são incoerentes ao nos chamar de delinquentes.
vendem a droga, nos matam e cobram da gente.
Nos batem, nos agredem, nos ofendem e nos prendem!
É duro! Quanto à nós, falta tempo e paciência.
Ao nosso redor, sobram doutrinas, ódio, e todo tipo de clemência.
Agora para, e pensa: o que seriam das farmácias, se a gente fumace a cura das doenças?
Indústrias farmacêuticas, nos causaram demência.
Estado, nos torna displicentes.
E é embaçado ter que acreditar que gente com mente que não sabe se guiar, é guiada por mentes consumidoras de gente.
Conhecimento roubado, arrancado, comprado das páginas.
Produzido pra nos ser vendido.
Compramos conhecimento distorcido,
Mas não percebemos que pode vir a ser uma de nossas únicas armas.
Ignoramos o fato de que muitas vezes, sabedoria se adquire na prática.
Ou vira hipocrisia ter livros de 300 páginas e não saber se quer, a teoria nos empurrada.
Então seguimos com nossa displicência e atitudes vis.
Nesta terra vivemos, como se após o caos causado, pu-

déssemos abandonar e houvesse outra para ir.
É papelzinho de bala no chão;
Investimento pesado em manipulação, e ainda tem que se preocupar em não deixar corromper o coração!
Mas corromperam as mentes de nossas crianças, as deixaram se...
É que nos esquecemos, que quando a educação é de qualidade baixa, o aprendizado é adquirido em prédios de segurança de máxima.
Então paramos, e nos deparamos à nossa falta de prudência e coerência.
Tanto falamos em fazer um planeta melhor para as crianças, mas nos esquecemos de fazer das nossas crianças, melhores pro planeta.
Até que ponto é consciente a tua ignorância?
Se esquecem que cada arma apontada pra uma criança, é um tiro dado no coração da esperança.
Nas avenidas, Levantaram o grande pato pra pedir impeachment.
A triste constatação: Meu povo tava lá.
Se esqueceram da saúde privatizada, Educação privatizada, mas lembraram da dívida pública.
E esse pato é meu povo quem paga.
Mas não vestiremos óh pátria amada, verde e acerola com tua farsa estampada.
Pois sabemos que a mão que bate panela, não é a mesma que as lava!
Nas envadiremos rádios, emissoras de televisão, assim como invadem todos os dias nossas mentes e casas.
Apontaremos as câmeras pras ruas, pro povão, e faremos com que a revolução seja sim televisionada.
Mas pra onde vai o grito da multidão, quando a coragem é assassinada e o medo cala um montão?
Pra onde vai a alma, quando a única coisa que se sente é carregar nas costas, muralhas?
E quanto pesa o seu peso, quando se coloca todo o caos do mundo na balança?
Indigna a ignorância de sermos sempre os iguais, mas de termos esperança.
Esperança essa que rasteja.
Justiça que tarda e não chega...
Não chega à tempo da indignação, de saber que os cartazes, protestos, manifestação, são considerados místicas.
No máximo, não passam de estatísticas, BO's, dados cruzados pra polícia.
Ficam naquelas páginas amareladas, arrancadas.
E caímos outra vez naquela velha história: Que se o mundo imundo é denunciado, O povo vai pra inquisição, E os livros com os nossos relatos são todos queimados!